

MEMÓRIA E IDENTIDADE NA FOLIA DE REIS DE URUCERES, GOIÁS

MEMORY AND IDENTITY IN THE FOLIA DE REIS DE URUCERES, GOIÁS

Sebastião RIOS

<sebastiaorios@gmail.com>

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) / Universidade de Innsbruck, Áustria
Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
Prof. do PPG Interdisciplinar em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7078983629857043>
<https://orcid.org/0000-0002-8462-3744>

Rosana de F. Mesquita BITENCOURT

<rosanambitencourt@gmail.com>

Mestre em Performances Culturais, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
Professora do Centro Universitário UNIFASAM, Goiânia, Goiás, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4075909788338799>
<https://orcid.org/0000-0001-5198-2778>

RESUMO

No presente artigo, apresentamos um estudo sobre a memória individual dos participantes da Folia de Reis de Uruceres (GO) e a memória coletiva do grupo de foliões. Nesta festa religiosa, que apresenta ritos do catolicismo popular, são compartilhados sentimentos, conhecimentos e normas coletivas que são sedimentados, recuperados e reativados nos rituais presentes em cada edição da festa. Os festejos populares trazem consigo significados que constroem a identidade dos grupos que os realizam. Na homenagem feita pelos foliões, ano após ano, há uma reativação da memória coletiva e individual dos indivíduos pertencentes à comunidade onde a festa acontece. O lugar recebe a marca do grupo e vice-versa. A Folia do povoado de Uruceres é única porque recebe a marca do lugar e das pessoas que nele vivem. Mesmo fazendo a releitura de um rito tão antigo e seguindo uma tradição secular, seus membros recorrem à memória, respaldada pela tradição, para dar continuidade ao festejo. As análises foram realizadas com base na convivência com os(as) foliões(as) em seus festejos, nos anos de 2018 e 2019.

PALAVRAS-CHAVE Folia de reis; memória; identidade; catolicismo popular; tradição.

ABSTRACT

In this article we present a study on memory: individual memory of the participants in the celebration and collective memory of the group of revelers from Uruceres. In this religious festival, which presents rites of popular Catholicism, feelings, knowledge and collective norms are shared, which are consolidated, recovered and reactivated in the rituals present in each edition of the festival. These popular celebrations carry meanings that build the identity of the groups that carry them out. In the tribute made by the revelers, year after year, there is a reactivation of the collective and individual memory of individuals belonging to the community where the party takes place. The place receives the brand of the group and vice versa. The Folia of the town of Uruceres is unique, because it receives the mark of the place and the people who live in it. Even reinterpreting such an old rite and following a secular tradition, its members resort to memory, supported by tradition, to continue the celebration. The analyzes were performed based on the coexistence with the revelers in their celebrations, in the years 2018 and 2019.



KEYWORDS: Folia de reis; memory; identity; popular catholicism; tradition.

1. INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos os processos de evocação da memória e suas relações na constituição da identidade do grupo de foliões do povoado de Uruçeres, situado no município de Uruana, Goiás. Não há registros escritos com detalhes sobre as raízes desta tradição, que perdura até hoje no povoado. O rito é transmitido, principalmente, por meio da oralidade e, segundo os foliões do grupo, essa Folia tem mais de 80 anos de acordo com as histórias contadas por seus antepassados.

Destarte, a manutenção do ritual depende da memória individual e coletiva do grupo. Apesar de não haver preocupação com o registro formal do rito por meio da escrita e outros suportes, observa-se a preocupação com a permanência da tradição, principalmente pelos foliões mais velhos.

Segundo Rios (2017), “os grupos de Folia de Reis preservam, há várias gerações, cantos, toadas e batidas com as cores e sabores específicos das localidades em que surgiram e das circunstâncias de sua difusão”. Por isso, a importância de estudar os grupos separadamente, pois apesar do rito ter um objetivo comum, que é a devoção aos Santos Reis e ao Menino Jesus, os processos rituais foram se modificando e se adaptando conforme cada grupo e lugar.

Os grupos que participam de manifestações da cultura popular, como os grupos de Foliás de Reis, pertencem, em grande medida, ao que estudiosos chamam de sociedades de memória. Diferentemente das sociedades que criam espaços separados do fluxo da vida para a preservação da memória, essas sociedades vivenciam a memória de forma cotidiana e, muito especialmente, durante rituais em que as memórias do grupo são evocadas.



A fundamentação teórica da análise da Folia de Reis a partir da memória individual e coletiva embasa-se em autores como: Halbwachs (1990), Calvino (1990) e Cardoso (2012). Halbwachs (1990) fala da memória em relação ao espaço e ao tempo e nos ajuda a situar a aventura pessoal da memória, através da sucessão de eventos individuais e como isso interfere em nossa relação com os grupos dos quais fazemos parte, contribuindo para a criação da memória coletiva e da memória histórica. Calvino (1990) trata do conceito de memória e cidade, e nos mostra que as cidades são espaços de memória; cada rua, cada esquina, cada construção, guardam memórias coletivas e individuais que ajudam a contar a história de um povo ou de um grupo através do tempo. E, por fim, Cardoso (2012) aborda conceitos de memória e construção da identidade através da experiência. Afirma que “memória e experiência estão intimamente relacionadas, uma alimentando e constituindo a outra”. É por meio de nossas experiências, principalmente as que mais nos marcam, que construímos e alimentamos nossas memórias individuais e coletivas ao longo de nossa existência. É assim que gravamos o que é mais importante para nós, como datas e pessoas especiais, e esquecemos de coisas que vivemos, mas não nos marcaram o suficiente para que ficassem gravadas em nossa memória.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Como métodos de pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica buscando autores que estudam sobre o tema proposto e documental para contextualizar o povoado e o contexto histórico em que se encontra. Também utilizamos métodos qualitativos de pesquisa, porque conforme MICHEL (2015, p. 40) “a pesquisa qualitativa carece de que os fenômenos sociais sejam interpretados à luz do contexto, do tempo, dos fatos e análise de todas as interferências”. Ainda conforme a autora,

Os fenômenos da área de CSA se manifestam de forma mais qualitativa do que quantitativa. A realidade social se apreende de forma muito mais efetiva com a aproximação, a vivência, do que com a teoria. A pesquisa social, portanto, pede, sempre, uma análise qualitativa, pois estuda a pessoa numa determinada condição social, grupo, classe social, crenças, valores, significados. O seu objeto de estudo é



complexo, inacabado, contraditório, não pode ser generalizado e está em constante transformação. (MICHEL, 2015, p. 40)

A pesquisa de campo foi realizada no povoado de Uruçeres-GO. A coleta de dados se deu a partir da convivência da pesquisadora com os(as) foliões(as) em seus festejos, durante o giro da folia nos anos de 2018 e 2019 (o giro da Folia de Reis de Uruçeres acontece entre os dias 31 de dezembro a 06 de janeiro). As técnicas utilizadas foram a observação participante dos rituais, entrevistas com alguns foliões com base em um questionário pré-definido e a coleta de alguns testemunhos orais.

A pesquisa de campo, no ambiente natural, é particularmente importante na pesquisa social, apropriada para estudos de indivíduos, grupos, comunidades, organizações, sociedades, considerando que, para a pesquisa social, mais importante que encontrar soluções é explicar os fenômenos, entender realidades, criar significados sociais. (MICHEL, 2015, p. 51)

Dessa forma obtivemos dados suficientes para a elaboração desse artigo.

3 DISCUSSÃO: O POVOADO DE URUCERES E O MUNICÍPIO DE URUANA

Para falarmos do povoado de Uruçeres, primeiro precisamos falar da criação do município de Uruana, do qual o povoado faz parte.

A cidade de Uruana foi fundada em 1938 por intermédio do Sr. José Alves Toledo. Nascido em Patrocínio – Minas Gerais, deixou sua terra rumo à Goiás e se tornou grande proprietário de terras na região alguns anos antes da fundação da cidade. Ele doou lotes para a Paróquia de São Sebastião, no local onde, um ano antes, havia sido levantado um cruzeiro para a fundação do povoado “Capela de São Sebastião”, que foi o primeiro nome da cidade de Uruana (BATISTA, 1991). Nesse período havia uma Campanha do então Presidente da República, Getúlio Vargas, incentivando a marcha para o Oeste. Outro fato importante foi a construção da nova capital goiana, em meados de 1930. Havia uma grande propaganda para que as pessoas deixassem o litoral



e viessem ver as belezas do Centro-Oeste. Com isso vieram várias famílias: Parreira, Pereira, Vieira e outras de Minas Gerais, São Paulo, Bahia etc. Construíram seus ranchos em volta da Capela de São Sebastião, construída pelos Sr. João Branquinho e José Novato e assim, ajudaram a povoar Uruana (BATISTA, 1991).

Por sugestão do Engenheiro Dr. Felicíssimo de Espírito Santo Neto, foi feita a junção do nome do rio que banha a cidade, denominado Rio Uru e o nome da segunda esposa do fundador, senhora Ana Toledo, ficando decidido o nome da cidade: Uruana. A cidade está localizada às margens do Rio Uru, numa zona mais ou menos plana, a noroeste da cidade de Jaraguá (BATISTA, 1991).

A primeira providência do Sr. José Alves Toledo foi escrever cartas a parentes e amigos em Minas Gerais, Bahia e mesmo Goiás, convidando-os a virem para a nova cidade que se estabelecia, com terras férteis e matas frondosas. A princípio o povoado não se desenvolveu muito. Em 1940, só havia cerca de 30 casas. Entretanto, com a construção de estrada Federal para a colônia agrícola de Ceres, que passa por Jaraguá, toda a região tomou um impulso considerável, tornando-se pioneira, pois estava à frente desse movimento em direção ao Oeste – A marcha para Oeste¹ – como o movimento ficou conhecido. O seu desenvolvimento foi tão rápido que ultrapassou a própria cidade de Jaraguá, sede do município na época. Em 1946, já possuía cerca de 680 casas, com uma população aproximada de 3.000 habitantes, dos quais uma parte exercia suas atividades na vila; outra parte era constituído de agregados que trabalhavam nas fazendas, em pequenos serviços diários (BATISTA, 1991).

¹ A ocupação do centro-oeste visava também ser uma etapa preliminar à ocupação da Amazônia. Em Goiás foi instalada a primeira colônia agrícola, em 1941, na cidade de Ceres, a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). Os Objetivos da Marcha Para o Oeste eram basicamente: Política demográfica de incentivo à migração; Criação de colônias agrícolas; Construção de estradas; Reforma Agrária; incentivo à produção agropecuária de sustentação. Transcorrida por cerca de quarenta anos, a Marcha Para o Oeste fundou cerca de 43 vilas e cidades, construiu 19 campos de pouso, contactou mais de cinco mil índios e percorreu 1,5 mil quilômetros de picadas abertas e rios.

Figura 1 – Mapa Marcha para Oeste



Fonte: <http://www.mfd.mus.br/pt/a-marcha-para-o-oeste/>

Uruana ficou conhecida, regional e nacionalmente, como a "Capital da Melancia". Em virtude de sua economia ser baseada na agropecuária, sobretudo no cultivo de melancia, é realizada anualmente, sempre no mês de setembro, uma festa popular pela ocasião do fim da colheita da fruta. A região também foi produtora de melão e abacaxi. Atualmente produz cana-de-açúcar para uma usina de álcool nas proximidades de Goianésia.

Através da Lei Estadual nº 8305, de 31 de dezembro de 1943, Uruana foi elevada à categoria de distrito e o Sr. Antônio de Castro, prefeito de Jaraguá, nomeou para exercer o cargo de subprefeito de Uruana, o Sr. Nicanor Ferreira. Depois foi criado o município pela Lei nº 132, de 14 de setembro de 1948, que é formado pela zona rural e zona urbana. Em divisão territorial datada de 01/12/1983, o município é constituído de 3 distritos: Uruana, Uruíta e Uruçeres.



O distrito de Uruíta surgiu com a doação do terreno pelos senhores: José Ribeiro Magalhães e João Inácio Moraes. Este terreno foi doado ao Poder Público para a construção do povoado, hoje distrito, que foi criado pela lei Nº 134 de 29 de novembro de 1963 e instalado em 1º de janeiro de 1964, obedecendo a administração direta do executivo Municipal (BATISTA, 1991).

O distrito de Uruçeres foi fundado em 07 de setembro de 1950, com missa celebrada pelo padre Cleto, de Jaraguá. A doação do terreno foi do Sr. Deolindo Machado Parreira (mais conhecido como Diolino Parreira), cujas terras pertenciam à Fazenda Sucuri. No início, o povoado foi formado por 120 lotes. Atualmente não passa de 150 lotes. A Capela foi construída em 1951, junto com a praça. O Grupo Escolar Manoel Santos Júnior foi construído em 1955, numa área de 10.000 m². A origem do nome do povoado se deu por meio da junção dos nomes das cidades de Uruana e de Ceres = Uruçeres (BATISTA, 1991).

Pela lei municipal nº 179, de 17-10-1966, foi criado o distrito de Uruçeres e anexado ao município de Uruana. Uruçeres está localizado na GO 230, que liga Uruana à rodovia BR 153 (Belém-Brasília), ficando a 11 km da rodovia. O comércio de Uruçeres consta de armazéns, cerâmica, serraria e, atualmente, um laticínio. Não existem dados da população de Uruçeres nos censos do IBGE. Como é um distrito, sua população é contabilizada junto ao município de Uruana, do qual faz parte, juntamente com o distrito de Uruíta e os povoados da Lagoa e do Cruzeiro. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2010, o município de Uruana tem uma população de 13.826 habitantes ².

FOLIA DE REIS EM URUCERES

A Folia de Reis é um festejo ligado às comemorações do culto católico do Natal, desenvolvido na América portuguesa a partir de elementos da religiosidade cristã trazidos ainda nos primórdios da colonização. Com alguns séculos de história, esta manifestação religiosa permanece forte em algumas regiões do país, principalmente nos estados do Centro-Oeste e do Sudeste.

² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> Acesso em: 28 jul. 2018.



A Folia de Reis representa a viagem dos magos em busca do “Rei dos Judeus”, conforme a passagem bíblica que aborda o nascimento de Jesus Cristo, registrado pelo evangelista Mateus.

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. 2.Perguntaram eles: Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo. 3.A esta notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. 4.Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. 5.Disseram-lhe: Em Belém, na Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta: 6.E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo (Miq 5,2). 7.Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. 8.E, enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo. 9.Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. 10.A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. 11.Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. 12.Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho." ([São Mateus, 2](#), 1-12 - Bíblia Sagrada Ave Maria, p.1285, 2014)

O Evangelho de Mateus relata magos vindos do oriente, trazendo presentes para o menino Deus e se ajoelhando perante ele. Segundo a convenção proposta por São Beda – um monge doutor da igreja que viveu entre os séculos VII e VIII e foi canonizado -, são três os reis magos: Gaspar, Baltazar e Belchior, que ofereceram ao menino Jesus ouro, mirra e incenso. Os presentes oferecidos a Jesus, representam o futuro de sua missão: o ouro representa o reinado, o incenso a sua divindade e a mirra a sua humanidade. Portanto, há toda uma simbologia por trás desses presentes oferecidos pelos reis ao menino Jesus. Eles ofereceram presentes e foram agraciados com bênçãos e proteção Divina, estabelecendo uma vocação para as trocas, trânsitos e negociações simbólicas, mantendo vivas estruturas profundas do catolicismo através das várias gerações de católicos.

Seguindo o que os foliões consideram seu ato inaugural, a Folia de Reis compõe um campo de produção simbólica que se estabelece num sistema de relações de trocas entre os foliões, os devotos, os festeiros, os moradores visitados e os santos – essa relação de trocas acontece nos momentos de reverência dos foliões e dos devotos para com os santos, quando eles cantam, rezam



e os honenageiam e em contrapartida os santos concedem as benções pedidas. É um festejo do catolicismo popular que propicia coesão social e moral que carrega forte traço grupal.

O giro do grupo acontece entre os dias 31 de dezembro e 06 de janeiro, dia de Santos Reis, todos os anos. O giro é o cortejo realizado pelos foliões de casa em casa cantando as passagens da bíblia que falam sobre a anunciação do anjo à Maria, o nascimento de Jesus, a viagem dos Magos e a adoração ao menino Jesus, a volta dos reis por outro caminho, a perseguição do rei Herodes aos inocentes entre outras narrativas que são descritas nas colunas de versos e cantadas pelos foliões. Eles também cantam agradecendo aos donos da casa por receber os três Reis que são personificados pela Bandeira. Agradecem também os donativos recebidos para a festa e a farta comida que é oferecida ao grupo e demais pessoas que acompanham o cortejo.

Embora tenham sempre muita coisa em comum, cada festa da Folia de Reis tem suas particularidades. Em Uruçeres, o grupo de foliões gira sempre à noite, porque de acordo com os foliões mais velhos, conforme as escrituras bíblicas, os reis Magos viajaram a noite guiados pela estrela em busca de Jesus, o Salvador. Isso faz parte da tradição do grupo, com suas práticas de natureza ritual e simbólica. Mas nada impede que as tradições sofram alterações e naturalmente elas sofrem. Antigamente o giro da folia desse grupo acontecia a cavalo. Os foliões saiam em grupo percorrendo as casas do povoado e as fazendas da região. Atualmente, o giro acontece de carro, se adaptando a este recurso da modernidade que também ajuda superar a dificuldade de encontrar casas que queiram receber o grupo de foliões, em função do êxodo rural e do aumento considerável de pessoas católicas do povoado e região que mudaram para religiões evangélicas.

Apesar de serem manifestações primordialmente religiosas, as Foliás de Reis também são reconhecidas como referência cultural para vários grupos no Brasil e podem ser vistas como bens imateriais. Conforme apresenta Maria Celícia Londres Fonseca, os bens imateriais,

(...) dependem necessariamente, como qualquer forma de comunicação humana, de um suporte físico para se manifestarem aos nossos sentidos, seja, por exemplo, por meio da transmissão oral (os conhecimentos e técnicas tradicionais) e de objetos (as práticas artesanais); de corpos em movimento, sons, e outros recursos materiais, como instrumentos musicais, adereços (as artes do espetáculo, rituais, atos festivos e lúdicos). (...) Enfim, esses bens não estão desprovidos de materialidade, mas o que os distingue dos bens materiais é o fato de serem



processos e não produtos, e, como tal, passam por inevitáveis transformações ao longo do tempo, em função, inclusive, de necessárias adaptações aos contextos em que ocorrem. São bens, portanto, que implicam, para sua continuidade, existência de atores desejosos e capazes de atuar segundo determinados códigos, assim como de condições necessárias para sua produção (FONSECA, 2015).

A Folia de Reis tem sua liturgia própria, não se identificando completamente com os ritos oficiais da igreja católica a respeito do nascimento de Jesus. Sem prescindir de sua espiritualidade, ela apresenta um caráter festivo que alarga o campo religioso, que passa a englobar atos e que em outros contextos seriam vistos como profanos. Essa quase indistinção do profano e do religioso é típica do catolicismo popular - uma forma popular e relativamente autônoma de crença e de prática da religião católica no Brasil, cujo sistema quase único se baseia em trocas entre a sociedade e o sagrado, que também é encontrável em outros festejos populares, como Folia do Divino Espírito Santo, Folia de São Sebastião, Congada, entre outras.

Mas a Folia de Reis como conhecemos hoje é parte de um processo de colonização e aculturação dos povos que vieram para o Brasil. Conforme relata Jadir Pessoa (2007), esse festejo não chegou de uma vez, pronto e estruturado, mas de maneira processual e fragmentária, na medida em que, entre o velho e o novo mundo, circulavam várias pessoas de culturas e classes diferentes.

[...] a devoção aos Reis Magos está plenamente vinculada ao empreendimento colonizador e com ele espalhou-se pelo Brasil, ao longo dos séculos subsequentes. Mas as referências aos Reis Magos, vindas de Portugal, extrapolam o campo das práticas religiosas. Muito do que se aprendeu no Brasil sobre os Reis Magos é proveniente de cantares e de danças populares consideradas profanas (PESSOA, 2007 p. 132).

Pessoa (2007) afirma que havia as Janeiras e o cantar dos Reis, eventos ligados à devoção aos Reis Magos, em toda a Europa. As janeiras costumavam ser caracterizadas como cantares mais profanos ou ligados à sociabilidade comunitária das aldeias, enquanto o cantar dos Reis e as reisadas eram eventos com um perfil mais religioso. Estas festas também foram trazidas para o Brasil no período da colonização e contribuíram para a formação dos grupos de folia e das festas religiosas oriundas do catolicismo popular como conhecemos hoje.



Quando se fala em festas religiosas do catolicismo popular há que considerar dois fatores primordiais: o espaço e o tempo. Quanto ao primeiro, essas festas são encontradas atualmente tanto no ambiente rural, em pequenas vilas e povoados que num tempo remoto não tinham acesso regular aos rituais da igreja católica, como na periferia das grandes cidades. Quanto ao tempo, a que se considerar o período em que essas festas acontecem. No caso da Folia de Reis, geralmente os festejos acontecem entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro – entre a noite de Natal e a tarde da Epifania –, que é o tempo ritual que remete à jornada dos três Reis. Esse tempo, entretanto, pode ser antecipado e estendido, dependendo das necessidades de cada grupo e de sua comunidade. Em Uruçeres como vimos, o giro acontece entre os dias 31 de dezembro e 6 de janeiro.

Analisando algumas Folias de Reis no ambiente rural e no Estado de Goiás, Brandão afirma que

A Folia de Reis é um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores de território por onde circula. (BRANDÃO, 1981, p. 36)

Esses dois fatores, o espaço e o tempo interferem nos processos, na dinâmica social e em suas manifestações, algumas vezes modificando, outras adaptando e mesmo incluindo ou excluindo ritos. Para isso são criadas regras de conduta e documentos, como o calendário católico apostólico romano que foi implantado para ser seguido e respeitado pelos católicos. Nesse ponto, podemos destacar a sobreposição de uma grande tradição – o catolicismo trazido para o Brasil pelos portugueses, que é uma tradição escrita e tem seus registros formais estabelecidos pela elite da sociedade – com as pequenas tradições religiosas que são informais, transmitidas pela oralidade, que contam com pequenas variantes entre si, mas que também procuram seguir uma tradição, mesmo tendo menos elementos de controle (CAMARGO, 2017).

De acordo com Camargo,

Estas pequenas ou as grandes tradições, são “formas de pensamento construídas pela humanidade”, possibilitam distintas experiências pessoais, definem distintos modos de ser e de ver, usos e costumes, e são construídas carregando tensões, desejos, esquecimentos e fricções entre as pessoas, vilas ou civilizações que pretendem “comunicar a nós sua natureza, sua totalidade” em forma complexa e convincente. (CAMARGO, 2017, p. 4)



A Folia de Reis tem pontos de contato tanto com as grandes como com as pequenas tradições. Por um lado, caminha lado a lado com a igreja católica. É uma manifestação da fé católica. Por outro, segue os ritos formais por uma outra lógica, fazendo uma releitura da liturgia, mesmo sendo contextualizada num espaço e num tempo guiados pela igreja. Assim, ela pode ser melhor entendida como parte dos ritos do catolicismo popular, que com suas músicas, danças e performances traz a alegria da festa para os ritos religiosos e manifestações de fé.

Carlos Brandão, em *Prece e Folia, Festa e Romaria* (2010, p.57), diz que “os foliões são especialistas populares, responsáveis por fazer a releitura de uma tradição”. E, como isso acontece principalmente por meio da oralidade, encontra-se diferenças na forma de executar e apresentar esses ritos conforme a região onde a festa acontece. Estes rituais trazem consigo todo um aparato religioso que está embebido de significados que podem possibilitar a unidade na identidade dos grupos que as realiza.

Por meio das festas religiosas populares, as pessoas reforçam e disseminam sua cultura e mantém tradições que no momento que dialogam com outras culturas e outras tradições se modificam. A cultura, analisada como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade, reflete o desenvolvimento humano. Por isso é importante conhecer e analisar o processo de transmissão das tradições culturais.

O Brasil é formado por vários povos e culturas, que foram se misturando e tornando-se um país multicultural, pois cada povo tenta preservar suas raízes. Isso em todas as áreas, principalmente na religiosa. O ser humano tem necessidade de acreditar no sobrenatural, em algo ou alguém superior, divino, e a religião faz essa ligação entre o humano e o divino através da fé.

Segundo Durkheim,

os homens foram obrigados a criar para si uma noção do que é a religião, bem antes que a ciência das religiões pudesse instituir suas comparações metodológicas. As necessidades da existência nos obrigam a todos, crentes e incrédulos, a representar de alguma maneira as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais a todo momento emitimos juízos e que precisamos levar em conta em nossa conduta. (DURKHEIM, 1996, p. 4)



O encontro entre a terra e o céu só é possível porque a fé abre esta possibilidade; esta fé, que nada mais é que a certeza da intervenção do alto nas vivências cotidianas, por parte da pessoa, cria um elo, um vínculo entre o crente e o objeto de sua crença; este vínculo é sempre renovado, é fortalecido com os rituais religiosos. São nesses rituais que surgem as performances através da música, da dança e da representação do sagrado.

Waldney Costa (2017, p.9) analisando os textos de Durkheim ressalta a “ideia de que a sociedade se recria ao se projetar na religião” e a de que “a vida religiosa eleva o homem acima de si, lhe capacitando para os desafios existenciais.” Por meio dos estudos sociológicos da religião, passa-se a entender a cultura de um povo pelos elementos de suas ações sociais, rituais ou artísticas através da forma que se estruturam, se constroem e se realizam. O autor ressalta também “o papel da religião na coesão social”.

A história do catolicismo no Brasil se assemelha à história do catolicismo no mundo. Em alguns momentos, a igreja se aproxima dos fiéis e permite rituais com momentos de drama, canto e dança dentro dos templos e com a presença do clero; e, em outros momentos esses mesmos rituais usados aqui pela igreja na catequese colonial, passam a ser definidos como práticas profanas e são proibidos. É o movimento de afastamento apresentado por Rios:

proibidos nos templos, os rituais da religiosidade popular acabam estabelecendo-se nos locais menos sujeitos ao controle da Igreja: as periferias das cidades maiores, as pequenas cidades do interior, as corrutelas e as capelas erigidas e mantidas pelas comunidades rurais. Isto fez com que, no caso das Folias de Reis, muitas ficassem circunscritas ao ambiente do campo, levando vários estudiosos a considerá-las um ritual do catolicismo rural. (RIOS, 2006)

Na Folia de Reis, a parte doutrinária aparece muitas vezes de forma performática. As passagens bíblicas são recitadas em forma de músicas pelos foliões, norteando um ritual secular. Na Folia de Reis de Uruçeres, o grupo de foliões canta reportando-se ao Evangelho em vários momentos rituais durante todo o giro. Também rezam o terço regularmente desde 1996, ano em que a foliã Cleonildes Gomes dos Reis Souza fez uma promessa de rezar o terço durante o giro por sete anos. Depois, a pedido do seu tio, o Sr. Alexandre Pereira Lemes, ela passou a organizar a reza do terço regularmente. Eles também incorporaram missas e celebrações da palavra ao giro da folia.



É assim que o catolicismo popular se estabelece nos povoados brasileiros, com seus rezadores, santos de devoção e festejos populares, mesclando ritos e rezas da igreja católica, celebrados por seus representantes legais – padres, ministros e diáconos - e ritos, rezas e festas comandados por pessoas da comunidade local, que carregam e transmitem muita fé e devoção a Deus e a seu exército de santos.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

O objetivo proposto aqui é compreender como se estabelece a relação da memória com a manutenção da tradição do festejo da Folia de Reis do povoado de Uruçeres e as implicações dessa relação para a formação da identidade desse grupo. Raphael Samuel sustenta que

a memória, de acordo com os gregos antigos, era pré-condição do pensamento humano. [...] Pelo mesmo padrão, a mnemônica, a ciência da recordação supostamente descoberta pelo poeta Simônides de Ceos, era a base do processo de aprendizagem. Aristóteles deu-lhe um lugar não menos privilegiado nas disciplinas do pensamento. Ele distinguiu entre a memória consciente, chamando a primeira – a memória que vem espontaneamente para a superfície – *mneme*; e a segunda, o ato deliberado de rememorar, *anamnesis*. (SAMUEL, 1997, p. 41)

Analisando a memória como pré-condição do pensamento humano, tal como foi apresentado pelo autor, observamos que ela é uma das formas de construir conhecimento e está na base do processo de aprendizagem e, por isso, se torna dinâmica. Sempre que se recorre à memória, seja individual ou coletiva, trazemos recortes do passado e não o passado em si. E quanto mais tempo se passa do fato rememorado, mais se distancia de sua imagem real.

Ainda conforme Raphael Samuel (1997), “a memória, longe de ser um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda” e é moldada pelo ser humano, detentor dessa memória. Este, por sua vez, é influenciado por questões sociais, pessoais e culturais. Além disso, a memória é “historicamente condicionada” pela sociedade sendo progressivamente alterada de geração a geração, formando os quadros sociais da memória (SAMUEL, 1997, p. 44)

Refletindo a respeito do conceito de lembrança, Halbwachs afirma que ela



é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 1990, p. 71)

Esses conceitos nos auxiliam no estudo dos festejos populares, como a Folia de Reis, uma vez que estes, por se perpetuarem principalmente por meio da oralidade, dependem da memória e das lembranças dos “mais velhos”. Na reconstrução do seu passado, os foliões disponibilizam ferramentas para a continuidade dos rituais no presente.

A autora Sandra Pesavento (1995) diz que “a combinação memória/lembrança com a sensação/vivência reapresenta algo distante no tempo e no espaço e que se coloca no lugar ocorrido”. Isso foi observado durante a pesquisa de campo. Nas entrevistas com os foliões de Uruçeres, quando eles começavam a falar do início do grupo, parecia que eles voltavam no tempo e passavam a reviver aquele momento, que para eles, parece ser melhor que o atual. Essa é uma característica da memória dos velhos apresentada por Ecléa Bosi (1994).

O autor Rafael Cardoso (2012), que aborda conceitos de memória e construção da identidade por meio da experiência, afirma que “viver é, em grande parte, um processo de recordar”. Diz que “memória e experiência estão intimamente relacionadas, uma alimentando e constituindo a outra”. Isso é claramente identificado no grupo de foliões, para reviver o ritual da folia. Anualmente os foliões utilizam sua memória, tanto individual quanto coletiva, e a experiência retomada para a construção de todo o processo ritual do festejo.

É por meio de nossas experiências, principalmente as que mais nos marcam, que construímos e alimentamos nossas memórias individuais e coletivas ao longo de nossa existência. É assim que gravamos o que é mais importante para nós, como datas e pessoas especiais, e esquecemos de coisas que vivemos, mas não nos marcaram o suficiente para que ficassem gravadas em nossa memória. Sobre isso Izquierdo (2006) fala da importância da “memória emocional”, que nos faz recordar sempre “porque foi gravada de maneira indelével em nosso cérebro”. Ele se refere a episódios que ativam nosso sistema emocional e isso nos ajuda a guardar umas lembranças e esquecer outras.



É assim que as manifestações culturais e os festejos religiosos conseguem resistir às mudanças sociais e permanecer ativos, porque são imbuídos de forte traço grupal, de coesão social e, respaldados pela experiência vivida e pelas emoções de cada indivíduo, se alimentam das memórias individuais e coletivas e reproduzem manifestações seculares.

Jadir Pessoa, analisando a cultura popular e as suas manifestações culturais diz que,

os universos simbólicos têm um passado, fonte de memória para todos os sujeitos e grupos. Sem a memória não existe socialização. Assim se torna mais fácil a compreensão da cultura popular. Ela é essencialmente feita de lembranças que se atualizam em um presente, a partir das necessidades de um grupo. (PESSOA, 2018, p. 62)

Maurice Halbwachs (1990), em seus estudos sobre memória, busca saber porque, “no meio da trama coletiva da existência”, surge e se impõe a individualização. Neste contexto, ele trata de memória coletiva e memória individual e fala que “nossas lembranças, mesmo de momentos vividos apenas por nós, muitas vezes nos são lembradas pelos outros, porque na realidade nunca estamos sós”. Somos seres sociais, vivemos em comunidade e dependemos dessas comunidades para vivermos. Ao longo de nossa existência participamos de vários grupos. Nossa primeira comunidade é a família, depois podemos participar da comunidade de vizinhos, da comunidade da escola, provavelmente participaremos das comunidades de trabalho, das comunidades religiosas, das comunidades que se juntam por assuntos de interesse comum ou para defender uma causa. Essas comunidades nos auxiliam na construção de nossas lembranças, de nossa memória.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Nossas lembranças são influenciadas pelos grupos que nos cercam e pelas experiências que vivemos junto a esses grupos. E nossa memória individual vai sendo construída por meio destes recortes das lembranças de momentos vividos e experienciados por nós ao longo de nossa vida. Momentos bons, momentos ruins, momentos felizes e momentos tristes, cada um a seu tempo e com sua própria intensidade.



Essas lembranças que nos parecem puramente pessoais, e tais como nós sozinhos as reconhecemos e somos capazes de reencontrá-las, distinguem-se das outras pela maior complexidade das condições necessárias para que sejam lembradas; mas isto é apenas uma diferença de grau (HALBWACHS, 1990, p. 48).

Segundo o autor, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Esse lugar que nós ocupamos diz respeito aos papéis sociais que representamos ao longo de nossa vida, que mudam conforme nossa idade. Mas um ponto importante a ser ressaltado é que sempre representamos ao mesmo tempo vários papéis sociais. Uma pessoa pode ser ao mesmo tempo filho/filha, pai/mãe, marido/esposa, chefe de uma empresa, estudante, afiliado político a um partido etc. Todos esses papéis colaboram para a construção de nossa memória individual e coletiva junto aos grupos dos quais fazemos parte, que por sua vez contribui para a construção de nossa identidade.

O autor também faz a distinção entre memória coletiva, quando essa envolve as memórias individuais de participantes de um grupo e memória histórica; ele distingue as duas memórias, chamando-as, uma “interior ou interna”, a outra “exterior”; ou então a uma “memória pessoal”, a outra “memória social”. Ou ainda: memória “autobiográfica” e “memória histórica”. Segundo Halbwachs (1990), “a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla que a primeira”. Mas a principal diferença entre elas é que a memória histórica representa o passado sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresenta um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória. [...] É por isso que essas noções históricas e gerais não representariam aqui, senão um papel muito secundário: elas supõem a existência preliminar e autônoma da memória pessoal. As lembranças coletivas viriam aplicar-se sobre as lembranças individuais, e nos dariam assim sobre elas uma tomada mais cômoda e mais segura; mas será preciso então que as lembranças individuais estejam lá primeiramente, senão nossa memória funciona sem causa (HALBWACHS, 1990, p. 62).



Outras questões abordadas pelo autor versam sobre a consciência individual e consciência coletiva e sobre a distinção entre duração e espaço quando ele analisa a memória em relação ao espaço e a memória em relação ao tempo. O autor ainda relata que “nos entrecruzamentos dos tempos sociais onde se situa a lembrança, respondem os entrecruzamentos do espaço”. Nossas lembranças estão sempre ligadas a espaços, quer se trate de espaços cristalizados pela história, como os monumentos históricos, quer se trate de espaços que são moldados pelos grupos que nele vivem (HALBWACHS, 1990). O autor ressalta a importância e a força do espaço na construção da memória individual e coletiva.

Isso é claramente identificado no grupo de foliões de Uruçeres. No povoado já existiram dois grupos de Folia de Reis, o grupo da Folia dos Martins Pereira e o grupo da Folia dos Lopes. Atualmente só existe o grupo de Folia dos Martins Pereira. A última vez que o grupo de Folia dos Lopes girou foi em 2010, ano da morte de seu folião mais antigo, o embaixador José Alves da Silva, mais conhecido como Zé Alaor. Alguns integrantes do grupo dos Lopes passaram, então, a integrar o grupo dos Martins Pereira e o grupo passou a se chamar “Tradicional grupo de Folia de Reis de Uruçeres”. Ligando o nome do grupo de foliões ao nome do povoado se reforça a memória do grupo e sua identidade, que foi construída no povoado. E é isso que faz com que vários integrantes do grupo que não moram mais no povoado voltem todo ano para realizar o festejo. Muitos foliões até participam de outras festas de folia, mas se sentem parte integrante deste grupo e não dos outros.

Halbwachs (1990) diz ainda que a vida em sociedade implica que “todos os homens se ajustem aos tempos e às durações”, e conheçam bem as convenções das quais são o objeto. “É por isso que existe uma representação coletiva do tempo, através do tempo matemático” (HALBWACHS, 1990). Para nos situarmos precisamos das horas, dias, meses, anos, séculos. Mas não há um tempo universal e único. Conforme fala o autor, “a sociedade se decompõe em uma multiplicidade de grupos, nos quais cada um tem sua duração própria”. Nossa memória nos leva a tempos remotos, nos faz viajar no tempo, em nossas lembranças, individuais e coletivas, nos transporta a lugares que de alguma forma nos marcaram e fazem parte de nosso imaginário.

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é a realidade que dura. [...] Diremos que não há, com efeito, grupo, nem gênero de atividade coletiva, que não tenha qualquer relação com o lugar, isto é, com uma parte do espaço, porém isto está longe de ser suficiente para explicar que,



representando-nos a imagem do lugar, sejamos conduzidos a pensar em tal atuação do grupo que a ela esteve associada (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Calvino (1990) diz que “a cidade não é feita só de suas edificações, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”. E entre as medidas de seu espaço encontram-se as pessoas que dela fazem parte, com seus costumes, suas tradições e suas memórias. E por meio das relações estabelecidas com o espaço e com os outros, através dos tempos, se modificam e modificam aquele espaço, pois como seres humanos estão em constante evolução.

O que observamos durante todos os dias de giro da folia é que passado e presente estão em constante conexão, as lembranças estão vivas no grupo: lembranças dos antepassados, lembranças dos velhos costumes, das regras que mantêm o festejo existindo. São essas recordações, das experiências vividas pelos integrantes do grupo que direcionam os rituais atuais.

O que dá fundamento às práticas tradicionais da cultura é essa “memória longa”, ou seja, uma especial capacidade de se apropriar dos universos simbólicos herdados de longe, recriando-lhes ou imprimindo-lhes modos próprios de se expressar, invariavelmente assentados nas necessidades e capacidades locais de respostas coletivas e essas mesmas necessidades. (PESSOA, 2018, p. 79-80)

Quando perguntava para os foliões quais as principais diferenças entre folia de antigamente e de hoje, todos, sem exceção, falavam sobre o respeito às regras e a educação do povo que acompanha o festejo. Halbwachs (1990) fala que o tempo antigo pode subsistir ao lado do tempo novo. É natural que o comportamento do grupo atual provoque lembranças do tempo antigo nos membros mais velhos do grupo e que haja comparação entre eles. Afinal eles ainda fazem parte destes grupos e se identificam como membros destes grupos.

Na perspectiva de Stuart Hall (2006), o conceito de identidade é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e muito pouco compreendido pela ciência social contemporânea. Para o sujeito da pós-modernidade (século XX), a concepção de identidade é plural, não existe uma única identidade e sim, várias. O sujeito assume “identidades diferentes em momentos diferentes”. A identidade torna-se uma “celebração móvel”, ela é formada e transformada continuamente,



conforme as relações que o sujeito estabelece com os sistemas sociais que o rodeiam. Ela é definida “historicamente” e não “biologicamente” como se pensava anteriormente. (HALL, 2006, p. 13)

Essa concepção de identidade tem relação com a ideia dos papéis sociais que cada indivíduo representa. Daí chegamos ao conceito de identidade cultural da modernidade, baseada no sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, que contribui para a análise dos processos de identificação e nas formas de representação do grupo da folia de Reis de Uruçeres.

Também, a partir da abordagem geográfica de lugar, que estabelece uma relação entre espaço, memória e identidade, pode se considerar que as identidades são construídas por meio de espaços de representação, e como estão arraigados na experiência imediata do espaço vivido no cotidiano, compartilhado localmente e nas relações de sociabilização dos saberes e da memória, essa identidade é fortalecida e se impõe na sociedade, criando mecanismos de resistência. O que também explica o fato dos foliões voltarem para Uruçeres para participar do grupo de folia, mesmo existindo outros grupos nas cidades que eles moram atualmente.

Observei esse processo em minhas análises do grupo de foliões de Uruçeres. Num processo de resistência, eles se agarram ao lugar e às experiências vividas pelo grupo para manterem o festejo e a tradição na região. Tanto que, atualmente, querem ser reconhecidos como o grupo da Tradicional Folia de Reis de Uruçeres. Essa é a nova identificação do grupo que está estampada em todo material de comunicação e divulgação da festa e que o coordenador do grupo, o Wemerson Lemes faz questão de ressaltar. Apesar de não serem o grupo mais antigo da região.

Os rituais apresentados nestes festejos populares trazem consigo todo um aparato religioso que está embebido de significados que podem possibilitar a construção da identidade dos grupos que os realizam. E como isso acontece principalmente por meio da oralidade, encontram-se diferenças na forma de executar e apresentar esses ritos, conforme a região onde a festa acontece e conforme o grupo que o executa. Os vários grupos de Folias de Reis carregam consigo suas



particularidades, mas todos têm o mesmo propósito, homenagear os Santos Reis por meio da fé, da devoção e das performances.

4. CONSIDERAÇÕES

Nesse artigo analisamos a Folia de Reis pelo prisma da memória: memória individual e memória coletiva dos participantes dos festejos da Folia. Porque, nessa homenagem aos Santos Reis, ano após ano, há também um resgate da memória coletiva e individual dos membros da comunidade onde a festa acontece. E o resgate das memórias é fundamental para a continuidade dessa tradição secular, principalmente porque é uma tradição difundida por meio da oralidade, sem preocupação com o registro sistemático dos processos, das músicas e de todos os demais símbolos que compõem esse rito. E, por meio da história dos lugares onde a festa acontece, o município de Uruana e o distrito de Uruçeres, também ressaltamos a importância da memória histórica, porque é também por meio dos registros históricos que podemos perpetuar estes festejos populares, que trazem consigo todo um simbolismo religioso e que está embebido de significados que podem possibilitar a preservação da identidade dos grupos que os realiza. A memória coletiva de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. Porém, quando os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram, essa memória também desaparece. Outro ponto analisado foi que as imagens espaciais (o que seriam memórias espaciais? Já que foram analisadas, precisam ser explicadas) desempenham um papel na memória coletiva. O lugar recebe a marca do grupo e vice-versa. A Folia do povoado de Uruçeres, que é nosso foco de estudo, é única, porque recebe a marca do lugar e das pessoas que nele vivem, mesmo fazendo a releitura de um rito tão antigo. Ressaltamos a importância de seu registro porque a memória de um grupo se esgota lentamente, à medida em que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desaparecem ou se isolam. Ela não cessa de se transformar, e o grupo, ele próprio, muda sem cessar. Em nossa análise percebemos que o mais difícil é permanecer imóvel, às vezes, é preciso fazer uma releitura ou tradução do rito para que ele possa continuar existindo, tendo em vista as transformações ao longo do tempo. É assim que a tradição da festa da Folia de Reis de Uruçeres vem se perpetuando ao longo do tempo.



REFERÊNCIAS

- BATISTA, Marileny Moraes. *Sociologia da Educação: Conhecendo Uruana*, Departamento de Ensino (Curso Técnico em Magistério). Colégio Estadual José Alves Toledo Uruana – Goiás, 1991.
- BÍBLIA SAGRADA. 203ª ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2014.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia, festa e romaria*. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- CALVINO, Ítalo. *A cidade e a memória 3*. In: CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das letras, 1990.
- CAMARGO, Robson Corrêa de. *Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise*. Los Angeles, *Revista Karpa* (Califórnia State University), v. 6, 2013. Disponível em: <http://web.calstatela.edu/misc/karpa/KARPA6.1/Site%20Folder/KARPA6.1.html>. Acesso em: 05 out. 2017.
- CARDOSO, Rafael. *Design para um Mundo Complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- COSTA, Waldney de Souza Rodrigues. *Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber*. *Revista Sacrilogens*, Juiz de Fora, v.14, n.2, p.03-24, jul-dez/2017.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Ed. Martins Fontes. São Paulo SP, 1996.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *Registro*. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (termo chave Registro). ISBN 97885-7334-279-6
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- Hall, Stuart. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 jan. 2017.



IZQUIERDO, Iván; BEVLLAQUA, Lia; CAMMAROTA, Martín. *A Arte de esquecer. Estudos Avançados*, 20 (58). USP, 2006.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos*. – 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. *As viagens dos Reis Magos*. Ed. da UCG, Goiânia, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Cultura Popular – Gestos de ensinar e aprender*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2018.

RIOS, Sebastião. *Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis*. Sociedade e Cultura, janeiro-junho, ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita & NEVES, Rogério. *Criação de toadas nas Folias de Reis em Inhumas (GO)*. Goiânia, 2017.

SAMUEL, Raphael. *Teatro de Memória*. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 14, fevereiro/1997 (Cultura e Representação), p. 41-45.



SOBRE A AUTORIA

Sebastião Rios

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) / Universidade de Innsbruck - Áustria (1998). Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB) 1993. Bacharel em História pela Universidade de Brasília (UnB) 1987. Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem atuação nas áreas de Performances Culturais e Sociologia da Cultura, principalmente nos seguintes temas: música e sociedade, cultura brasileira, literatura e sociedade, cultura popular e patrimônio imaterial. Músico amador (violão e viola caipira). Pesquisador associado do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique. Colaborador



do Zentralinstitut für Lateinamerikastudien da Universidade Católica de Eichstätt, Alemanha. Coordenador do projeto Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho, representante do Estado brasileiro junto ao Centro Regional de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina CRESPIAL/UNESCO (2014 - 2017).

Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt

Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG) 2020. Possui Especialização - MBA em Gestão de Marketing pelo Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA) 2004. Possui graduação em Comunicação Social - com habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Goiás (UFG) 1998. Tem experiência na área de Comunicação e Marketing, com ênfase em Pesquisa de Mercado e Planejamento Estratégico. É professora do curso de Comunicação Social - Relações Públicas no Centro Universitário UNIFASAM desde 2014.

Submissão: 22 de junho de 2020

Avaliações concluídas: 14 de agosto de 2021

Aprovação: 08 de novembro de 2023

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

RIOS, Sebastião; BITENCOURT, Rosana de F. Mesquita. Memória e Identidade na Folia de Reis de Uruceres-GO. Revista *Temporis*(ação): periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 23, N. 02, p. 24, jul./dez., 2023. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >